



**“EU NÃO SEI FALAR DIREITO”: PRECONCEITO OU INTOLERÂNCIA? UMA
AMOSTRA DO VERNÁCULO CONQUISTENSE**

Savanna Souza de Castro¹
Valéria Viana Sousa²
Jorge Augusto Alves Silva³

INTRODUÇÃO

Segundo Leite (2003), a linguagem é fonte tanto de assimilação quanto de exclusão. Como instrumento de exclusão, os falantes que não dominarem a norma culta podem, na maioria das vezes, perder empregos, ou nem mesmo conquistá-los, gerando, assim, uma segregação social pela maneira como falam; muitas vezes, tornando-os excluídos. A pergunta que nos cabe, diante da situação, é: será que há um preconceito linguístico ou social?

Em relação à língua, pode-se se falar tanto em preconceito quanto em intolerância. A distinção tênue entre elas é claramente vista nos significados apontado no *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, e reforçado pela pesquisadora Leite (2009). Segundo consta no dicionário, preconceito é o “conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial” ou “Opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos”. Já o conceito de intolerância é compreendido como “falta de tolerância, violência”. A esse respeito, Leite (2009) afirma

O preconceito é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro, é um não-gostar, um achar feio ou errado um uso (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto. É um não

1 Possui Licenciatura em Letras Modernas - Português e Inglês, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Atualmente, desenvolve pesquisa de mestrado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: sa_gbi@hotmail.com

2 Orientadora. Doutora em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela UFPB. Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em Sociofuncionalismo – CNPq, Brasil. Endereço eletrônico: valeriavianasousa@gmail.com.

3 Professor Titular de Língua e Literatura Latinas. Mestre e Doutor em Letras (Linguística Histórica) pela Universidade Federal da Bahia (2005). Atualmente é professor titular (nível A) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: adavgvstvm@uol.com.br



gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um *discurso metalinguístico*, calcado em dicotomias, em contrários, como, por exemplo, *tradição x modernidade*, *saber x não-saber* e outros congêneres (LEITE, 2009).

Portanto, pautada nessa discussão, e com questionamentos, como:(i) há marcas linguísticas de preconceito ou intolerância? Quais são elas? (ii) o preconceito é social ou linguístico?, Esse ensaio tem como hipótese que informantes com menor grau de escolaridade manifestam mais expressões preconceituosas em relação à língua do que informantes cultos; revelando, assim, preconceito social.

METODOLOGIA

Nessa pesquisa, utilizamos o total de quatro entrevistas sociolinguísticas, nas quais os informantes de Vitória da Conquista-BA, estão estratificados em faixa etária II (de 26 a 50 anos), sexo (feminino e masculino) e nível de escolaridade (sem escolaridade ou até cinco anos de escolaridade – português popular e, com mais de 11 anos de escolaridade – português culto). Selecionamos duas entrevistas do *Corpus* Português Popular (*Corpus* PPVC) e duas entrevistas *Corpus* do Português Culto (*Corpus* PCVC).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os trechos selecionados nas entrevistas abaixo refletem a avaliação que os informantes fazem da língua e como percebem as variações linguísticas, bem como a variante padrão, muitas das vezes, refletindo, em sua fala, uma crítica social. Na primeira tabela, no excerto (I), a informante evidencia o prestígio da variação culta utilizada em ambientes formais, mas, também, revela a existência da variedade linguística e questões estilísticas. Embora a informante tenha consciência da coexistência de variações, ela não apresenta expressões referentes nem de preconceito nem de intolerância linguística. Veja.

DOC: você acha que todos os brasileiros falam da mesma forma?



- (I) INF: não, muitas vezes nem todos os membros de uma família falam da mesma forma porque em minha casa eu vejo muito isso, às vezes porque **eu tô sempre falando da mesma forma que eu leio ou da forma que eu ouço dentro de sala de aula** ou quando eu converso com pessoas que eu busco aprender mais, eu sinto muito isso em meu filho e ele estando em contato com meus pais traz um pouquinho da... justamente da oralidade dos meus pais, porém ele mistura os dois, então assim, **ele nem fala igual a mim e nem fala igual aos avós, então já é diferente estando todos os quatro sempre na mesma residência...**tem o ambiente de escola... então eu acho que cada pessoa traz suas particularidades, não só a questão de localidade ou de espaço de... formação é... é... educacional, mas até mesmo pelas próprias particularidades da personalidade de cada um, nunca se fala igual, ninguém fala igual, nenhum brasileiro pode *carrega* (L. S.S. Fem. Faixa II.PCVC)
- (II) INF: Tem vários sotaques. Tem vários sotaques, em Salvadô mesmo, eu já viajei pra lá um tempo, fiquei uns seis dias, **o sotaque deles é bem diferente do que a gente tem aqui.** É um sotaque mais, **eles usam mais uma linguagem mais chula...**uma linguagem mais... entendeu? Com muito palavrão. **Até mesmo sem pensá eles falam palavrão,** então é uma linguagem assim, depende de... de cidade pra cidade, ou de estado pra cidade... oh de estado pra estado. (J.L.S. Mas. Faixa II. PCVC)

Fonte: Tabela elaborada pelos autores

Em oposição ao excerto (I), no excerto (II), o falante declara explicitamente que a variedade diatópica é marcada no falar do brasileiro, principalmente, em Salvador, Bahia, como linguagem “chula”, estabelecendo um padrão entre o sotaque conquistense e o soteropolitano. Podemos inferir que aspectos geográficos alteram a avaliação que o informante faz, visto que Vitória da Conquista recebe mais influências mineiras do que da capital. Ao dizer “*Até mesmo sem pensá eles falam palavrão*”, o informante considera o processo cognitivo menos complexo no soteropolitano, isto é, aciona um léxico reduzido para o que deseja representar.

O preconceito e a intolerância caminham de mãos dadas quando se trata da língua, afinal, uma opinião infundada pode tornar-se um “discurso metalinguístico calcado em dicotomias” (LEITE, 2009). Desse modo, percebemos que, na fala do informante J.L.S, a intolerância linguística é marcada pela comparação de superioridade que ele estabelece, fazendo com que a fala soteropolitana seja inferior a fala, por exemplo, dos conquistenses.



Em seguida, veremos qual é a posição dos informantes do Português Popular de Vitória da Conquista.

DOC: o que você acha da maneira de falar?	
(III)	INF: O, (risos) a minha patroa mesmo fala assim, que eu fala muitas palavra errada, né? Hoje ela me insina, fica mi corrigino, é ela lá e Danilo aqui, mi corrigino, eu num sei, eu acho eu falo alguma coisa eu falo ainda umas coisa umas palavra errada né mais eu sei que vo me concertar né? DOC: E a senhora acha o que dessa diferença?
(IV)	INF: Eu acho legal (risos) eu acho muito engraçado a fala deles, né? Às vezes, tem hora que eu fico eu puxo conversa com eles só pra tá ovino eles conversa é muito engraçado né? Que nem o baiano mermo, o baiano mermo os paulista tira o sarro dos baiano0 da manera de conversa né? (M.J.P.S. Fem. Faixa II PPCV)
DOC: Mas...mas você acha que tem um preconceito das pessoas de fora com o jeito do baiano falar?	
(V)	INF : Diz que tem, diz que o pessoal sempre fala, de São Paulo, quando o baiano chega lá, é discriminado e tudo. Falano assim lá va' o baiano, chegou o baiano, aí pergunta qual é o mês que o baiano mais passo fome, é quando tá entran' o mês de Agosto, vai botar um punhado de farinha na boca. ININT (R.T.N Mas. Faixa II PPCV)

Fonte: Tabela elaborada pelos autores

Não é incomum vermos posições como “Eu falo ainda umas coisa umas palavra errada” principalmente em informante com baixo nível de escolaridade, isso, ocorre devido à correção de outros com maior nível de escolaridade. É o que acontece com M.J.P.S, pois julga falar errado porque é corrigida pela “patroa” e por outras pessoas. Podemos depreender que M.J.P.S. não demonstra claramente preconceito linguístico em relação à linguagem dos outros, no entanto, é possível que ela seja vítima dessa atitude preconceituosa.

No excerto (IV), M.J.P.S. exprime a ideia preconcebida de que a fala do baiano é motivo de chacota para o paulista, sendo que o inverso não ocorre. Isso implica dizer que a informante não se identifica como uma baiana com traços do sotaque soteropolitano, chegando ao ponto de estimular o diálogo apenas para provocar risos. Talvez isso ocorra pela forte influencia mineira que a cidade de Vitória da Conquista recebe.



Interessante verificar que no trecho (V), o informante não se refere a aspectos linguísticos, mas, sim, social de que o baiano é um nordestino que passa fome por causa da seca e que a farinha é o alimento que mata a fome. Essa é a expressão clara e generalizadora da intolerância social e linguística. Embora, esses informantes sejam menos escolarizados, os conceitos preconcebidos disseminados pela mídia e outros meios de comunicação que nordestino fala errado, e, principalmente, os baianos, está fortemente arraigados na própria cultura, afinal de contas a maioria dos exemplos estigmatizados eram de baianos.

CONCLUSÃO

Apesar desse breve ensaio, com uma amostra pequena, a hipótese inicial de que informantes com menor grau de escolaridade julgam “falar errado” foi confirmada, isso se deve ao fato do baixo nível de escolaridade dos informantes e pela exposição a conceitos (pre)concebidos. Além disso, verificamos que, informantes cultos, também, inferiorizam as variedades linguísticas, reafirmando o preconceito linguístico e, conseqüentemente, social. O preconceito social é manifesto pela valorização regional e cultural de um estado em detrimento de outro, sempre exemplificando o baiano como pejorativo. No entanto, variações linguísticas e estilísticas são inerentes à língua, e, conseqüentemente, da sociedade plural que reflete na língua suas nuances. Portanto, o preconceito e a intolerância recaem sobre quem diz e, não sobre o que se diz. É possível evitar o preconceito e a intolerância se a sociedade usufruir de uma boa educação linguística começando da rede básica, valorizando a língua real com todos as suas variações.

Palavras-Chave: Preconceito. Intolerância. Variações.

REFERÊNCIAS

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. – 4. Ed. – Curitiba: Ed. Positivo; 2009Disponível em: <<https://>



dicionariodoaurelio.com/preconceito». Acesso em: 17 Apr. 2017

LEITE, Marli Quadros. Intolerância e linguagem: um estudo de caso. **Rev. Anpoll**, n., p. 175-188, jan/jun, 2003

_____. **Preconceito e intolerância linguística**: conceitos e características. Núcleo de Estudos da Diversidade, Intolerância e Conflitos da FFLCH/ USP. 2009

SILVA, Jorge Augusto Alves; SOUSA, Valéria Viana. **Português culto de Vitória da Conquista**, 2013. Projeto do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo, UESB, 2013.

_____. **Português popular de Vitória da Conquista**, 2013. Projeto do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo, UESB, 2013.